

## AMÉRICAS SEM NOME: CARTOGRAFIAS NARRATIVAS DE NÉLIDA PIÑÓN

### UNNAMED AMERICAS: NARRATIVE CARTOGRAPHIES BY NÉLIDA PIÑÓN

Arnaldo Rosa Vianna Neto  
Doutor em Letras  
Universidade Federal Fluminense  
([rvnarnaldo@hotmail.com](mailto:rvnarnaldo@hotmail.com))

**RESUMO:** A obra de Nélide Piñón é referência metaficcional literária para análise do *ethos* discursivo latino-americano que, embora enraizado na memória cultural brasileira, polissêmica e mutante, não é privilegiado em nossas matrizes discursivas identitárias. O universo da escritora constitui-se em um entre-lugar movente de cartografias narrativas sobrepostas, marcado pela desterritorialização de imaginários e fronteiras culturais.

**Palavras-chave:** Américas; Identidade; Imaginário; Pátria; Utopia

**ABSTRACT:** Nélide Piñón's work is a meta-fictional literary reference for the Latin-American discursive *ethos* analysis that, although ingrained in the mutant and polysemous Brazilian cultural memory, it is not privileged in our identity discursive matrices. The writer's universe is built in a moving in-between place of superposed narrative cartographies, marked by the imaginaries and cultural frontiers deterritorialization.

**Keywords:** Americas; Identity; Imaginary; Fatherland; Utopia

O referencial cultural que estrutura o conjunto da obra de Nélide Piñón diferencia sua narrativa como núcleo produtor de um *ethos* discursivo latino-americano complexo e profundamente enraizado em uma memória que, embora polissêmica, deixa entrever a hispanidade herdada da genealogia originária da Galícia radicada no Brasil com o fluxo migratório do início do século. A obra da escritora brasileira é apontada por Vargas Llosa como referência, na América Latina e no Brasil, de inscrições de memórias do palimpsesto ibérico que integram o discurso da americanidade de onde emerge a condição latino-americana.

Mapeando suas raízes culturais, Nélide Piñón preenche lacunas e silêncios da historicidade brasileira ao revitalizar mitos do mundo ocidental, recuperando identidades latino-americanas que, embora presentes em nosso imaginário cultural, não são privilegiadas em nossas matrizes discursivas. Em **O presumível coração da América**<sup>1</sup>, uma coletânea de discursos pronunciados ao longo de sua carreira, onde se retomam alguns títulos e textos publicados anteriormente, e em cujos temas se redimensiona a alteridade americana, a escritora narra-se a si própria compondo uma autobiografia a retalhos onde ela

<sup>1</sup> O presumível coração da América é o título do discurso pronunciado em 1995, no México, por ocasião do recebimento do prêmio de Literatura Latino-Americana e do Caribe Juan Rulfo, que, em 2002, deu nome ao livro onde se reuniram os discursos de Nélide Piñón, inclusive os proferidos na Academia Brasileira de Letras.

anota dados que, tomados como referencial de pesquisa, apontam pistas para a leitura de sua ficção literária na composição narrativa do mosaico cultural nacional:

Muitas vezes confessei que sou brasileira recente. Minha família, no Brasil, é mais jovem que as palmeiras imperiais do Jardim Botânico. Carrego comigo a sensação de haver, eu mesma, desembarcado na Praça Mauá, no início do século, no lugar dos meus avós, em busca da aventura brasileira. [...] Temo, muitas vezes, haver chegado ao Brasil com irreparável atraso. [...] Trago, sim, comigo, junto à atração pelo novo, as hesitações típicas de quem penetra um país pela primeira vez. E desconhece os costumes locais implantados há mais de quatrocentos anos (2002, p. 59-78).

A condição de “brasileira recente” realça a situação de exílio da escritora dividida entre duas narrativas, a do Brasil e a da Espanha, entre o dever de narrar a pátria “nova” e real e a nostalgia da pátria imaginária perdida na memória atávica recorrente na figura do avô galego a quem distingue com o discurso privilegiado da velhice: “Sou uma mulher a quem meu avô galego emprestou sua memória. Portanto, meu avô é a minha narrativa. No meu ser sobejam as memórias que não vivi, não apalpei, mas que terei herdado” (1997, p. 93). Esse entre-lugar movente de cartografias narrativas sobrepostas, marcado pela (des)territorialização de imaginários e fronteiras culturais, constitui o universo discursivo da escritora que, no trânsito entre as duas geografias, interroga a noção de pátria:

Nutri sempre profunda nostalgia por uma Galícia que conheci menina, mal sabendo que existia a geografia dos homens e que cada terra - dentro dessa estranha noção de pátria - levava um nome. Um nome no mapa, um nome na alma. [...] Apraz-me porém confessar que sou filha desta América mestiça, de fusão lusa e ibérica, de genealogia desgovernada e rica. Filha também desta nação cujo repertório civilizatório, proveniente de suas diversas línguas e de suas regiões autônomas, concilia-se com as raízes inaugurais do continente latino-americano (2002, p. 59-78).

O texto de Nélide Piñon elabora-se em duplo movimento, o de desconstrução dessa noção de pátria como fronteira geográfica e o de sua reinvenção em cartografias narrativas de imaginários complexos em constante mutação. A pátria imaginária do exilado, utópica e mítica, fundada na realidade narrativa é, segundo Edward Saïd, uma “declaração de pertença a um lugar, a um povo, a uma herança cultural” (2003, p. 49), e isso se produz em uma narratividade onde se inscrevem “seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos,

uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais” (2003, p. 49). É essa pátria fundada na construção narrativa de um *ethos* linguístico e cultural que o exilado busca para “rechaçar o exílio” e “lutar para evitar seus estragos” (2003, p. 49). A narrativa de Nélide Piñon, na busca das “raízes inaugurais do continente latino-americano”, constitui-se, pois, nessa retórica do pertencimento de que fala Saïd. Tomou-se, assim, a noção de pátria no sentido de invenção utópica, desterritorializada, movente e múltipla, recorrente em sua obra, como citação emblemática de seu texto. Dentre seus romances, a narrativa de **Fundador** tematiza essa busca na composição da figura do personagem que dá nome ao título. A invenção, ou a fundação da pátria imaginária é metaforizada pela própria construção da narrativa como pátria utópica: “quem sabe ainda percorrerei terras sem nome e marca, que se poderiam chamar américas, libertas, severas, enfim a multiplicidade das alcunhas” (PIÑON, 1969, p. 179).

A rota da pátria imaginária é cartografada nos pergaminhos dos personagens milenares de **Fundador**, como o mestre cartógrafo Teodorico de Antióquia, o sábio Ptolomeu, travestido na figura de um velho livreiro, e o profeta Stamponato, que cercam seus mapas de enigmas e mistérios, destinando-os apenas a heróis assinalados com a aura mítica de figuras emblemáticas que Nélide Piñon recupera e sobrepõe no palimpsesto narrativo. A representação da figura do herói assinalado desdobra-se no texto em três personagens, Fundador, Johanus e Joseph Smith, todos pertencentes à mesma linhagem genealógica, cuja matriz está ligada a dois ícones narrativos, a espada de Sir Tristram, em que se reescreve a aura mítica da Excalibur de Arthur, e os mapas do velho cartógrafo. No pergaminho milenar, o estranho desenho de duas cabeças femininas aponta o enigma que tensiona a narrativa e seduz os fundadores na busca de uma cidade utópica primordial referenciada no texto em Jerusalém, mas que, desdobrando-se o *topos* sagrado, também poderia estar nas Américas, no Brasil, na Colômbia, em Cuba, nos Estados Unidos, na Espanha, em Santiago de Compostela. O romance tem, assim, o estatuto de fundador de uma narratividade em que se engendram outros descobrimentos da América e do Brasil documentados com relatos de “memórias arcaicas, modernas e americanas e de outros rincões da terra na qualidade de brasileira e herdeira da língua portuguesa” (PIÑON, 2002, p. 15) que dão ao fundador “a consciência do

narrador a conclamar que o enredo lhe pertence, enquanto o enigma da criação, e seu funesto hino, devoram-lhe o sono” (PIÑON, 2002, p. 25).

Tomando, pois, as Américas como um continente onde se constituíram sociedades complexas elaboradas pela hibridização, ou não, de diversas etnias e culturas resultantes dos movimentos migratórios que se sucederam ao longo dos quinhentos anos de sua formação histórica, Nélide Piñon apropria-se de referenciais culturais que dizem respeito a diferentes épocas e a uma pluralidade de povos, buscando reconstruir o mosaico dessa “americanidade inacabada”. Assim os processos de exclusão, radicais ou relativos, bem como os processos de inclusão (as interações, assimilações e “folclorizações” que, no sentido atual, indicam um desprestígio das práticas culturais migrantes ante os paradigmas dominantes, apontando para uma certa tolerância, uma aceitação controlada de suas manifestações) e as negociações culturais que contribuíram para a elaboração de construções identitárias múltiplas e complexas nas Américas. Representa-se, pois, em sua narrativa, o intrincado e complexo processo de construção dos imaginários coletivos e das utopias fundadoras de povos que expuseram suas matrizes ideológicas a inevitáveis conflitos decorrentes de choques *ethno*culturais impostos por novas exigências geopolíticas, ao transferirem para as Américas suas formas de pensar e organizar o cotidiano.

Em **A força do destino**, romance que atua como poética ou roteiro teórico de seu *corpus* literário, uma metaficção narrativa, Piñon articula os temas geradores de seus romances com a série conceitual que os engendra, o tempo e a memória, o *continuum* genealógico e as migrações identitárias, as fronteiras entre o real empírico e o real ficcional, travessias e peregrinações narrativas. Assim se fornecem roteiros e pistas que orientam a leitura do texto paradigmático:

Talvez me queiras submissa a histórias cujo sentido do real se concilie com fatias de uma realidade oficial, de modo que me seja fácil segui-las. Mas de que me serviriam estas vidas sólidas, com telhado e vigas mestras, que se deixam ligeiramente retocar e jamais se transfiguram. Encarregadas da obediência e da colheita, elas proíbem qualquer transgressão. [...] Não pretendo cingir-me aos parceiros brandos, de calendário ocupado com festas previstas desde o nascimento até o cortejo da morte [...]. Afinal, não sou testemunha de fé, e não tenho firma no cartório da Erasmo Braga. [...] Minha narrativa é porosa, deve mesmo receber cunhas de madeira em sua matriz, mas nada tão forte que lhe arrisque a autonomia (1988, p. 17-31).

Atenta à enorme diversidade de registros culturais, a escritora compôs em sua narrativa um arquivo de memórias identitárias que, ao circularem em sua obra, entrecruzando-se, transgredindo barreiras cronológicas e espaciais, permitem deslocar e reinterpretar as Américas para além das fronteiras do continente americano, submetendo o leitor a um intenso trabalho de decifração textual. Assim, nos temas abordados em **Fundador**, reescrevem-se ficcionalmente mitos fundacionais e de origem, que mantiveram, ao longo da história, formações discursivas em torno das quais se consolidaram e legitimaram-se matrizes colonizadoras.

Reterritorializando a nostalgia adâmica e o mito do paraíso perdido nas Américas, Néida Piñon apropria-se do dispositivo discursivo bíblico e do referencial historiográfico quinhentista, necessários para “narrar” o jogo de identidades moventes na constituição das narrativas americanas, reelaborando mitos e utopias fundadoras e os reinserindo no imaginário americano com a diferença do suplemento paródico autorizado na invenção do discurso artístico. Assim como se lê em **Fundador**, a reinvenção e/ou a migração do discurso utópico de Jerusalém - “Acaso Jerusalém fizera-se sua paisagem?” (p. 169) -, na invenção das Américas - “Construir uma cidade pedia invento” (p. 49) -, inscrevendo-se aí a utopia das “américas sem nome e marca” nomeadas por sua multiplicidade. Ou, como diria Ptolomeu a Joe Smith, se se quisesse usar o próprio texto de **Fundador** para definir o discurso literário: “Ptolomeu queria chamar Joe apenas para lhe dizer: a maravilha do homem inicia-se nos reinos que exploram a fantasia” (p. 79). Ou, ainda, nas palavras da escritora -

Quem sabe não é a criação literária uma peregrinação a Jerusalém? Ou a Tróia, interdita aos gregos? Aquele esforço vivido pelos cruzados para chegarem a Jerusalém? E, quando, afinal, chega o escritor a Jerusalém, inventa de imediato uma outra, um lugar tal como Santiago de Compostela, que se consagra como rota de peregrinação, sempre remota, inacessível para a imaginação cristã. E por que esta perene necessidade? Obedece, acaso, a necessidade de criar a metáfora da peregrinação? Se não tivesse Jerusalém existido, logo se inventaria outra. É sempre o ardil da invenção sobre a invenção. O esforço contínuo de criar a cosmogonia do centro do mundo, que está nas palavras, na palma das nossas mãos (1997, p. 85-5).

-, definindo seu projeto literário como a construção da cidade utópica da narrativa:

Para atravessar a terra da criação é mister alcançar a natureza real do texto. Só após a longa travessia, o escritor chega [...] ao centro mágico. Aquele centro onde o escritor vai construir sua Jerusalém. Onde Davi ofereceu a Salomão projeto para erigir o templo. Um projeto feito por Deus e que não lhe coubera cumprir os desígnios. Mas eu obedeco ao projeto de Deus. [...] Se de um lado aceitei Deus como guardião do meu espírito, não quis que fosse ele dono do meu imaginário. Meu imaginário é humano, profano. Meu imaginário é transgressor, subverte o que precisa (1997, p. 82-8).

Praticando o mapeamento retórico do imaginário cultural brasileiro (e americano) em **O presumível coração da América**, Nélida Piñon teoriza sobre a tradição letrada do discurso fundador do descobrimento e diz constituir sua narrativa no âmbito desse discurso de acumulação das “descobertas” letradas da América:

Há que preencher a casa da narrativa, e nela injetar versões incômodas, labirínticas, mas indispensáveis, que nascem do arbítrio do narrador. A paixão da escrita, em definitivo, inocula o imaginário latino-americano. [...] Neste nosso continente a sorte da escritura parece selada por força de desígnios emblemáticos, simbólicos, que vão acentuando, através dos séculos, os seus signos de identidade. Por todas as nossas terras emergem textos cuja soberania e poder narrativo consolidam, onde seja, o próprio conceito de América (p. 17).

As migrações da discursividade ocidental quinhentista, trazendo em seu bojo todo o aparato cultural do Ocidente, retido e transformado pelo suplemento americano ao longo de sua expansão histórica, inauguraram uma retórica de descobertas discursivas responsável pelas construções conceituais sobre a América. A escritora, buscando o conceito - “O que é a América, no horizonte de nossas intrigas? O que é a América, para nosso destino de mortais?” (2002, p. 17) -, define a condição latino-americana com a complexidade discursiva decorrente da movência ou do nomadismo cultural que a constitui:

Na condição de latino-americanos, somos nômades, funâmbulos, poetas. Transeuntes de uma arqueologia alimentada de gêneses e culturas variadas. Máscaras complexas e amorosas, compostas de melancolia, tristeza, alegria, dissimulação. Imersos no turbilhão de nossa amplitude, conceituamos coisas, seres, perspectivas inovadoras. [...] Uma humanidade que arrasta no rosto, nas invenções lingüísticas, nas emoções desabridas, as marcas das fusões culturais aqui perpetradas (2002, p. 35).

Ainda em **O presumível coração da América**, analisando essa complexidade discursiva, Nélide Piñon destaca os papéis diferenciados dos discursos de gênero na constituição da retórica letrada latino-americana. No livro se redimensiona a alteridade americana com a inclusão da narrativa feminina no jogo de suas construções identitárias. Buscando dar visibilidade política à diferenciação discursiva da retórica de gênero e ressaltando sua importância na constituição das descobertas letradas da América, a escritora articula a narrativa feminina, constituída no *continuum* discursivo das memórias e práticas do cotidiano, às formações discursivas patriarcais que constituíram o *locus* privilegiado do discurso latino-americano. Importante como chave de decifração do enigma conceitual do continente, elaborado em uma geografia narrativa real e mítica que favorece o exercício do imaginário, o cotidiano, inserto na esfera desse enigma, é mapeado em sua obra no enunciado dos discursos de gênero, onde se torna visível a complexidade identitária americana. Segundo a escritora, uma das identidades da dicção poética americana, sob o pretexto da documentação de memórias, é a ampliação das fronteiras do real na fabulação de realidades inaugurais moventes que circulam no *continuum* do cotidiano. Para narrar as Américas, em defesa da cartografia desses imaginários, cancelam-se, segundo Piñon, “as linhas dos mapas elaborados com ingenuidade histórica” (2002, p. 16) como resistência a uma narração filtrada pela ótica européia. Nesse quadro, reitera-se no conjunto de sua obra, seja a ensaística ou a ficcional, a apologia de uma poética comprometida com o sentido de representação capaz de apreender literariamente o inapreensível na opacidade característica da linguagem americana. Aí se incluem, no jogo de possibilidades e combinações múltiplas da invenção, a mentira, a fantasia e as hipérboles, como recursos para a ocupação “novelesca” dos vazios discursivos. Assim se lê em **O presumível coração da América** - “Não há punição para os que se excedem no campo da arte” (p. 24) -, e em **A força do destino** - “Nomear, Poeta, é uma arte onde deve o escritor avultar-se” (p. 22), onde a escritora questiona a transparência do real e referencia sua poética como deturpação da realidade:

A tudo se pode emendar ou corrigir, com sintaxe nova. [...] Sou tão incrédula diante dos fatos julgados reais com sua exacerbada imitação da realidade, que me devoto a enfeitar a bagagem da terra com variantes que vão desde os granéis de sementes, esterco, arado, um par de vacas, até a caça às pérolas, a descida às minas, a

avaria nos sentimentos profundos, água por todos os lados. (p. 18); E, depois, inclino-me quase sempre a deturpar o que vi, apenas movida pela ambição de esclarecer os fatos (p. 31).

Em **O gesto da criação: sombras e luzes** (PIÑON, 1997), trabalho inserto em **Entre resistir e identificar-se** (SHARPE, 1997), uma reunião de ensaios sobre a prática da narrativa brasileira de autoria feminina, Nélida Piñon define o papel e o lugar do discurso feminino:

Tenho gosto em servir à literatura com memória e corpo de mulher. Em mim residem os recursos sigilosos que a mulher engendrou ao longo da história, enquanto integrava o misterioso cortejo que a levaria a participar dos mistérios de Elêusis. [...] Narro porque sou mulher (p. 93-4).

Declarando-se serva da literatura, a escritora rastreia a memória discursiva feminina, buscando na narratividade mítica figuras arquetípicas capazes de elucidar os enigmas, ou os vazios que envolvem a construção da alteridade feminina e a importante complementaridade de seu discurso. Assim Piñon elege, como um dos referenciais de leitura dessa busca, a lendária cidade de Elêusis<sup>2</sup> na Ática grega, famosa na Antiguidade pelos rituais ligados ao culto de Deméter, deusa chamada de A Grande Mãe por ter buscado desesperadamente salvar a filha Perséfone do reino da morte, para onde foi levada por Hades. No labirinto percorrido por Deméter, os referenciais da rota recolhidos pela deusa, que levam a Elêusis, têm a movência narrativa dos registros orais e da invenção que ela incorpora à história de suas peregrinações. Recuperando a história dessas peregrinações, Nélida Piñon elege a cidade como símbolo narrativo complexo da travessia humana. No *locus* geográfico da cidade, tensionam-se a racionalidade geométrica da *polis* grega, lugar de circulação do *logos* masculino, detentor do poder (político) de decisão, interdito à mulher, e o emaranhado da existência humana em circulação no *oikos* (casa) feminino. A escritora define assim a memória e o corpo feminino como lugares de engendramento de uma escrita tecida nos silêncios e nos bastidores da história onde se inscrevia “sigilosamente”, nas margens do diagrama reservado aos fatos e

<sup>2</sup> A cidade localizava-se ao nordeste de Atenas. Na Antiguidade celebravam-se em *Elêusis* os mistérios ligados ao culto de *Deméter*. Suas importantes ruínas datam do século VII a.C. (HATZFELD, 1945, p. 54).



feitos patriarcais, a trama que, tornando possível a página gloriosa autorizada pelo discurso oficial, diferenciava a mulher com a aura da narração.

Tecida com os artifícios e sortilégios da emblemática figura da contadora de histórias, antologicamente representada pela lendária Scherazade das **Mil e uma noites** de Malba Tahan, a narratividade feminina dá visibilidade às histórias engendradas no cotidiano considerado como “não glorioso” ou desprezível pelo *logos* institucional. Ao urdir seus enredos com fios narrativos múltiplos e diversos, Piñon acrescenta uma alteridade diferenciada à retórica discursiva do *pater* masculino, denunciando a discursividade patriarcal do Ocidente, afirmando e reivindicando a presença feminina em **O presumível coração da América**. A escritora registra a invisibilidade do feminino no *logos* religioso legitimador desse discurso, marcado nas Américas por migrações de construções quinhentistas cristãs do mito do eterno retorno ao paraíso terrestre, onde a dicção feminina é estigmatizada pela transgressão do interdito que resultou na expulsão do par primordial do jardim de delícias edênico:

A memória da mulher encontra-se na Bíblia. Ainda que não tivesse sido ela interlocutora de Deus. Esta memória encontrava-se igualmente nos livros que não escreveu. Uma memória que os narradores usurparam enquanto vedavam à mulher o registro poético de sua experiência [...]. Em algum lugar dessa mulher, e unicamente ali, alojaram-se para sempre os espinhos das intermináveis peregrinações humanas sobre a terra, sem os quais nenhuma obra de arte teria sido escrita. Portanto a mulher bem pode proclamar, em nome do legado que cedeu à humanidade, ser ela também a outra cara de Homero, de Shakespeare, de Cervantes (2002, p. 13).

Compondo, assim, com seu legado (corpo e memória), a trama histórica que engendrou na literatura a textualidade de Homero, Shakespeare e Cervantes, mas não assinando as emblemáticas narrativas ocidentais, o feminino sustenta, segundo Nélida Piñon, o arcabouço arqueológico dessa narratividade. Em **Fundador**, são os relatos de Ptolomeu que conduzem o fio narrativo, uma vez que o personagem se configura na metáfora narrativa como detentor das memórias do narrado. Entretanto, no jogo de disputa de poderes na ordem discursiva, somam-se ao discurso do conhecimento (lógico e metafísico), representado nas figuras acumuladas pelo protagonista (o cartógrafo, o sábio, o patriarca, o profeta, o livreiro, o peregrino), ordens discursivas diversas caracterizando outros escribas. Ou seja,

personagens que não reproduzem o discurso do sábio na cartografia privilegiada de roteiros proibidos, mas se aplicam ao registro de memórias em livros e diários, como Fundador, reproduzidor da ordem racional e transparente da escrita masculina, e Monja, tecelã dos “recursos sigilosos” da enigmática escrita feminina, contrapontando-se na narrativa as especificidades de seus discursos. A escritora, acumulando a diversidade do *logos* desses discursos, subverte o traçado de cartografias canônicas rasurando assinaturas marcadamente masculinas ao registrar, na movência de sua narrativa, a história da desconstrução da linearidade, do fechamento e do monolitismo do discurso patriarcal ocidental. Essa narrativa emerge em **Fundador** da relação do conglomerado de discursos que constituem o romance, ou seja, no conceito de palimpsesto textual de Gérard Genette, definido como “transcendance textuelle du texte, tout ce qui le met en relation, manifeste ou secrète, avec d’autres textes”<sup>3</sup> (1982, p. 7-8). Essa relação transtextual, ou essa transtextualidade, que, em uma de suas várias formas, seria definida por Julia Kristeva em sua clássica **Sèméiôtikè** como intertextualidade, é vista por Genette como uma “relation de coprésence entre deux ou plusieurs textes, c’est-à-dire, eidétiquement et le plus souvent par la présence effective d’un texte dans un autre”<sup>4</sup> (1982, p. 8), definição a que ele acrescenta, em **Figures**, o conceito de palimpsesto como texto em que se inscrevem e apagam interpretações sucessivas, e que continuam se engendrando, permitindo interpretações infinitas em tempo e espaço.

O texto de **Fundador** define-se, na intrincada tessitura de sua trama, como o palimpsesto de que fala Genette, onde o conglomerado de discursos diversos (mítico, religioso, literário, histórico, político, sociológico) permite a reduplicação de figuras complexas, que se (des)territorializam na narrativa ressignificando o papel do discurso literário como suplemento artístico, e, acumulando as práticas discursivas de gênero, diferenciam a narratividade feminina. Nessa prática, o discurso feminino afasta-se do lugar puramente contemplativo dos feitos masculinos (racionais, científicos, monolíticos) e inscreve-se como discurso transgressor do *logos* patriarcal, não apenas na ordem dos discursos da liberação como a arte, o sonho, a loucura, mas também como suplemento enigmático, sedutor

---

<sup>3</sup> “transcendência textual do texto, tudo aquilo que o põe em relação, manifesta ou secreta, com outros textos.”

<sup>4</sup> “relação de co-presença entre dois ou mais textos, isto é, eideticamente e na maioria das vezes, pela presença efetiva de um texto em outro”.

e “perigoso” na ordem política. A escritora lembra o célebre diálogo do **Fedro** sobre a eficácia da invenção da escrita em seu dimensionamento político de manutenção ou ameaça às ideologias do poder. No mito da invenção da escrita, o jogo da significância do *pharmakon* grego, que, na “farmácia” de Platão, se manipula na ambivalência dos sentidos de droga, aponta os benefícios ou os malefícios da escrita para a recordação, que Nélida associa ao recurso da invenção como razão da própria narrativa:

Creio que Platão, em *Fedro*, dizia que saber é relembrar. Para recordar busca-se o recurso da invenção, de criar o vazio que é forçoso ocupar. Um vazio que não representa o mal. Mas que, preenchido, é a própria narrativa. A narrativa que, em seu percurso inventivo, destila de seus tonéis o que aprendeu a guardar da memória (2002, p. 92).

Comprometida com a metanarratividade paródica, onde se enxerta uma revisão crítica da história e seus produtos culturais colonialistas, a obra de Nélida Piñon retoma referenciais privilegiados pelo logocentrismo ocidental no jogo de exclusão de alteridades importantes para a decifração do emaranhado histórico onde subjazem conteúdos recalçados, silenciosos: “Enquanto a história hierarquiza, a memória segreda, conspira, tem o mérito de nem sempre saber que sabe” (2002, p. 92), diz ainda a escritora. Sua ficção traz à cena textual a historicidade escrita à margem dos paradigmas históricos em que se inscreveram narrativas ditas gloriosas de grandes feitos heróicos, ou seja, a discursividade apagada, rasurada, excluída dos cânones, fazendo falar o *continuum* histórico cotidiano, onde estão as “outras” peças do caleidoscópio das narrativas ficcionais. Nessa resistência à história canônica inscreve-se a movência contínua de um imaginário que, ao transformar a história em mito e fundar sua própria perenidade, torna “narrável” esse inacabamento. A metamorfose do mito, guardando as múltiplas narrativas e interpretações que nele se inscrevem por sua própria constituição discursiva, garante pois sua contemporaneidade e sobrevivência. Com isso, é importante lembrar, com a escritora, que os mitos são necessários à movência dos imaginários e que sobrevivem dessa movência entre o conhecimento e a invenção ou a reinvenção da memória. Nesses jogos intra e intertextuais, que resultam da(s) viagem(ns), das peregrinações da escritora por cartografias narrativas múltiplas e moventes, constitui-se a narratividade das Américas, como se lê nas palavras de

Teodorico de Antióquia em sua dupla peregrinação por terras a serem inventadas e na escrita cartográfica de sua invenção: “ainda percorrerei terras sem nome e marca, que se poderiam chamar américas, libertas, severas, enfim a multiplicidade das alcunhas” (1969, p. 179). Por isso, na leitura de **Fundador**, a análise dos processos de (re)invenções identitárias e da “invenção de mundos novos” nas Américas faz-se no sentido que Derrida empresta ao termo invenção, ou seja, inventar o que já existe, em outras palavras, incluir o outro, deixar vir o outro: “C’est de l’invention du même et du possible, de l’invention toujours possible que nous sommes fatigués. Ce n’est pas contre elle, mais au-delà d’elle que nous cherchons à ré-inventer l’invention même”<sup>5</sup> (1987, p. 59). Construindo-se, pois, no livro como pátria, pátria utópica da narrativa, as memórias da escritora navegam em rotas inversas nas caravelas de sua imaginação: “Sob o desconforto da paixão de inventar, o escritor traslada tempos, espaços, tribos inteiras para a pátria de sua imaginação” (2002, p. 24).

A leitura das narrativas de Nélide Piñon selecionadas para este artigo evidenciou, na prática textual, a construção de um suplemento paródico, em seu viés descolonizante, no qual se retoma uma discursividade rasurada e se elaboram matrizes oriundas do próprio exercício da inventividade quando a reconstituição histórica falha na decifração dos enigmas discursivos. A própria escritora registra esse exercício, consciente da polifonia interdiscursiva que, dinamizando o jogo narrativo - “O leque mitológico, que se abre à nossa frente, deixa-nos entrever um repertório ainda inexplorado, constituído certamente de pautas essenciais à identidade latino-americana” (2002, p. 38) -, autoriza a costura de retalhos que ela emenda na trama textual como Penélope ou Scherazade: “O mundo da imaginação autorizando-me a cometer desatinos, a invalidar histórias herdadas. A emendá-las a meu critério, umas às outras” (2002, p. 61).

## Referências

GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.  
 \_\_\_\_\_. **Figures**. Paris: Seuil, 1969.

HATZFELD, J. **La Grèce et son héritage**. Paris: Aubier, 1945.

KRISTEVA, J. **Sèméiôtikè**. Paris: Seuil, 1969.

<sup>5</sup> “É da invenção do mesmo e do possível, da invenção sempre possível que estamos saturados. Não é contra ela, mas além dela que procuramos re-inventar a própria invenção.”

MONIZ, N. H. Nélida Piñon: a questão da história em sua obra. In: SHARPE, Peggy (org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres / Goiânia: UFG, 1997.

PIÑON, N. **O presumível coração da América**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2002.

\_\_\_\_. Sou brasileira recente. In: \_\_\_\_\_. **O presumível coração da América**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2002.

\_\_\_\_. O gesto da criação: sombras e luzes. In: SHARPE, Peggy (org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres/ Goiânia: UFG, 1997.

\_\_\_\_. **A força do destino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_. **Fundador**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

SAÏD, E. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHARPE, P. (org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres / Goiânia: UFG, 1997.